

ANÁLISE DO DISCURSO NA EXPERIÊNCIA DAS DERIVAS

Márcio Mendes Rocha

Dr. em Geografia, docente da Universidade Estadual de Maringá (DGE/PGE)

mmrocha@uem.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é avançar a experiência de deriva, resgatando do grupo participante, também denominados de “os navegantes”, suas percepções da experiência da deriva, a partir dos sons e imagens capturados no exercício da prática da deriva. Para tanto, trabalhamos com os conceitos de “Análise do Discurso” e as marcas do discurso. Foram feitas duas reuniões virtuais, para a obtenção do material narrativo. Por conta da pandemia, criamos uma nova perspectiva de deriva. A Deriva na Clausura – DC, e propusemos aos navegantes que experimentassem esta prática. No entanto, o grupo se desfez, como tantas outras atividades por conta da crise sanitária, o que impossibilitou a 3ª reunião do grupo para comentar suas experiências de deriva, em espaços restritos e restringidos. Restou apenas a minha experiência com a DC, que narrei em um dos itens deste artigo. O projeto proposto foi minimamente concluído, avançando na criação de novas possibilidades de deriva.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Deriva na Clausura. Deriva/Transurbância. Mobilidade/ Imobilidade.

DISCOURSE ANALYSIS IN THE EXPERIENCE OF DRIFTINGS

ABSTRACT: The objective of this article is to advance the experience of drifting, rescuing from the participating group, also called “the navigators”, their perceptions of the experience of drifting, from the sounds and images captured in the exercise of the practice of drifting. To do so, we work with the concepts of "Discourse Analysis" and discourse marks. Two virtual meetings were held to obtain the narrative. Due to the pandemic, we created a new perspective of drifting, the Drift in the Closure – DC, and we proposed that navigators try this practice. However, the group disbanded, like so many other activities due to the health crisis, which made it impossible for the 3rd meeting of the group to comment on their drifting experiences, in the restricted spaces. Only my experience with DC remained, which I

narrated in one of the items in this article. The proposed project was minimally completed, advancing in the creation of new drift possibilities.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Drifting in the Closure. Drifting/Transurbance. Mobility/Immobility.

INTRODUÇÃO

O discurso se reproduz pela linguagem, e esta abre uma perspectiva de valorização da deriva, enquanto um documento histórico. Podemos dizer que este é um dos nossos objetivos. A deriva em si comporta e experiência do grupo, que não é menos importante, mas podemos estar criando algo mais. Cabe diferenciar a língua falada, e a linguagem. A linguagem é algo muito além da língua. A língua está contida na linguagem. A linguagem incorpora a totalidade da expressão humana. Os movimentos, as ênfases, a alegria, a tristeza, o sorriso, etc. Estabelecendo um complexo de informações que produzem a linguagem no processo de construção do conhecimento. Com ela, temos a possibilidade de fazer o resgate histórico, podendo se tornar um documento. A partir da produção de um discurso artístico, científico, coloquial, etc. O que fizemos nas derivas foram capturas. Temos, portanto, uma base da percepção capturada nas duas derivas pelos discursos: oral; pictográfico (por conta das pichações); e o imagético, com as fotografias e os vídeos. O que nos propomos a fazer agora, denominamos de *meta discurso*, que é o discurso dentro do discurso. Ou seja, a capacidade de interpretar esta realidade das derivas, que nós vivemos. É um retrabalho, um outro momento (no caso em um momento pandêmico). Um outro aspecto que podemos considerar é a ritualização de uma mística que criamos, nesta condição adversa de pandemia, em um ambiente frio como é o ambiente remoto¹. Partimos da hipótese de que podemos buscar uma ritualização, uma valorização das práticas de deriva executadas. Quando falamos de ritos, falamos de valores, o que encorpa a dimensão política desta prática, como um princípio libertador. A perspectiva da deriva enquanto uma linha de ação, de intervenção no âmbito da geografia em particular, e das ciências em geral, que propicia uma leitura mais crítica do

¹ As reuniões foram feitas de forma remota pelo “google meet”, e foram gravadas.

mundo. Buscamos esta utopia, esta crença, esta perspectiva ideológica, que está por trás desta intervenção.

Quando falamos em Deriva na Clausura – DC tentamos trazer uma perspectiva otimista, de uma mensagem otimista, no sentido de perceber que existe uma potencialidade criativa mesmo na restrição dos espaços. É importante esta postura, para tornar menos penosa esta condição de clausura. É importante sinalizar esta perspectiva, porque a situação é grave. As pessoas estão adoecendo, muitas famílias estão se desestruturando, vivemos em um caos, porque não se mede direito as coisas, é a questão do planejamento do Estado, no contexto brasileiro de um governo genocida. Vivemos uma carga pesada de desabilitação e desarticulação social. Fazemos o que é possível como pesquisadores. No momento que o grupo apresenta a vontade política de realizar este trabalho, isso trás um alento, no sentido de que existe uma perspectiva de um grupo em cima de uma utopia, de uma ideia, ou seja, a busca da *cidade real*, e a oportunidade de estarmos percebendo este contraste. Esta cidade vista, e a percepção da natureza do urbano em duas dimensões. Buscamos perceber que em uma dimensão restrita de clausura, temos a possibilidade de estar vivendo de forma feliz e ou criativa, possível.

Quanto a marca do discurso, esta é capturada pela transcrição das falas selecionadas, mas com possibilidade de complementações narrativas, visando o entendimento do falado, bem como complementando os argumentos.

As marcas do discurso estarão centralizadas no texto, com espaço simples. Se houver uma crítica do autor, ela dar-se-á na diagramação original do artigo.

A coordenação do projeto de Deriva/Transurbância – DT foi feita por mim, e pelo professor Felipe Bonifácio. Propusemos ao grupo reuniões virtuais para interpretar o material coletado por todos, na duas Derivas/Transurbâncias. Entre fotos, áudios e vídeos. Foram duas reuniões. A primeira interpretamos as fotografias, em dois momentos. O primeiro passamos todas as fotografias tiradas pelos membros do grupo, de forma aleatória e rápida, em um tempo de 14 minutos. O segundo momento, selecionamos de forma randômica, 40 fotografias do universo trabalhado, que foram expostas por 1 minuto cada foto. Os membros do grupo poderiam comentar em qualquer momento. Estas reuniões foram virtuais, gravadas pelo programa “Google Meet”. Posteriormente, foram selecionadas por mim, as falas e diálogos

marcantes, que denominados de “marcas do discurso”. Houve um consenso no grupo que os diálogos seriam anônimos, rompendo com possíveis personalismos, e deixando mais à vontade os membros do grupo, para as falas. Na segunda reunião foi apresentado um vídeo resultado da edição de todos os vídeos entregues pela grupo, com uma duração de 51 minutos, com o mesmo formato da apresentação das fotografias. O grupo, enquanto assistia, poderia fazer comentários a qualquer tempo.

Provavelmente por conta das contingências da crise sanitária, o grupo não se reuniu mais, até o momento deste artigo. Por isso, uma última reunião proposta não ocorreu, que trataria da avaliação do grupo em suas clausuras. Como eu contraí o vírus do COVID 19, de forma leve, por conta das vacinas e o reforço, resolvi descrever minha relação espaço/temporal em condição de clausura, acrescentando um subitem relatando minhas derivas na clausura.

1. O DISCURSO IMAGÉTICO - FOTOGRAFIAS

No que concerne às fotografias, foram apresentadas duas sequências de fotografias para os navegantes das DT's, que foi o resultado de todas as fotografias produzidas. Houve uma seleção prévia de algumas fotos, e destas fotografias, vamos produzir dois momentos. Um primeiro momento fizemos uma passagem rápida em todas as fotos, preparando o ambiente para uma percepção ampla das duas derivas. Neste momento todos podiam fazer comentários, porque o que queremos com estas capturas, é justamente o discurso oral dos navegantes², criando esta metalinguagem. Posteriormente, este discurso oral foi transcrito e se torna material para a *análise do discurso*. Foi pedido para os navegantes observarem as fotografias e tecerem comentários sobre a impressão daquele momento, a partir das imagens apresentadas, ressignificando o que observavam. Na segunda parte, foram apresentadas 40 fotografias, com uma exposição de um minuto, para que fossem feitos comentários. Abaixo os comentários dos navegantes, e a análise do discurso.

² Denominação dos membros do grupo que derivaram

As duas derivas foram executadas antes da pandemia, e as reuniões com o grupo, durante a pandemia.

No início da apresentação uma das poucas fotos que continham pessoas.

Gente sem máscara andando na rua, que esquisito.

Num dado momento derivamos para dentro de uma propriedade, que parecia um sítio. Um grande portão estava aberto, então adentramos. Uma área rural, incrustada no urbano. Que estamos chamando de “sítio que não é sítio”.

- *Este lugar de matagal*
- *A caixa e o drone, achei sinistro*
- *Este ponto foi bem louco*
- *Daquelas **casinhas** que estão praticamente **extintas** em Maringá?*
- ... *É*
- *Aí já é lá na frente. A entrada, o sítio que não é sítio.*

Na segunda deriva, dúvida se era um passeio ou se era uma deriva. Na segunda deriva

- *Tamanha a beleza do lugar*
- *Bonito dia*
- *Sábado né*

Encontramos uma propriedade com sacos grandes de lixo reciclável. Parecia uma empresa, que recebia o material dos carrinheiros (trabalhadores que catam lixo de forma autônoma). Enquanto fotografávamos, o proprietário chegou desconfiado, querendo saber o que estávamos fazendo. Depois que saímos o grupo levantou algumas questões em relação à exploração do trabalho dos carrinheiros.

- *Aí foi que o cara desconfiou da gente*
- *E a gente dele*

Estávamos andando quando encontramos um homem dormindo na rua. Fotografamos rapidamente a cena.

- *Os caminhos, e os descaminhos*

Grande parte das fotografias que todos fizeram eram de construções civis.

- *Nós nos preocupamos com a **arquitetura da cidade**, nas fotos.*

Primeiro comentário sobre a situação climática da deriva, que efetivamente influenciou na dinâmica do trabalho.

- *Na primeira deriva, o tempo estava bem fechadão*

- **Nublado**

- *Foi nesta primeira que estava todo mundo em casa, não tinha ninguém na rua*

No sítio que não é sítio, a primeira aparição do vertedouro de águas pluviais, em forma de escada.

- **Sujeira!!**

- *A escada para o inferno.*

- *Quase isso.*

- *Tem hora que todo mundo ficou com **medo**.*

Em um momento da deriva, dois membros do grupo, resolveram entrar em uma igreja. O resto do grupo deu uma parada para esperá-los.

- *Entrar na **igreja** foi bem louco. Quem entrou comigo?*

- *Fui eu*

Passamos por um parque, em um banco havia um senhor interessado em nosso trabalho. Explicamos brevemente o que fazíamos e por que estávamos gravando áudio.

- *Haa, este senhor! Ele queria saber o que estávamos fazendo.*

- *Aquele que perguntou se estávamos medindo a umidade do ar.*

Encontramos uma menina vendendo caldo de cana, sentamo-nos para descansar, já no fim da deriva, próximo do ponto de saída.

- *A gente estava cansadão aí.*
- *É o final da deriva.*
- *A gente chegou com umas 3 horas.*
- *Temos isso preciso no mapa georreferenciado, demoramos de 3 a 4 horas.*

Já no parque

- *Aquele atalho que a gente pegou.*

No parque, na segunda deriva, encontramos em uma lixeira um pequeno livro que suscitou uma reflexão. O ambiente era tranquilo, dia ensolarado. Crianças e animais domésticos desfrutavam aquele belo dia. Aparece uma lixeira com um pequeno livro.

- *Aproximação do “dog”.*
- *Um livro “Família, esperança para a família”, no lixo.*

Na segunda deriva, quando voltávamos para o ponto de saída, encontramos um senhor, morador. Paramos em frente a sua casa por conta de uns enfeites de Natal que havia na árvore em frente, então ele saiu da casa e veio ter conosco. Tivemos uma rápida conversa muito interessante sobre sua chegada, o que ele fazia, e como ele contribuiu para a construção da cidade.

- *Esse “véio” aí.*
- *Noventa e poucos anos.*
- *O pioneiro.*

Casas de madeira fotografadas.

- *Está aparecendo um tipo de arquitetura mais popular, mais precarizado.*

Foto de grafites nos muros.

- *Sempre a preocupação com os **grafites**, quando apareceu, foi documentado, o valor né, a potência da arte no urbano.*

Uma reflexão sobre o espaço público e a propriedade privada aparece no grupo enquanto andávamos.

- *Muitas **grades**.*
- *Muitas grades! Se a gente contar o número de grades que foi fotografada.*
- *Incontáveis né.*
- *Interessante, eu li um texto de Guy Debord que ele fala justamente disto. Ele diz que devemos **romper com as fronteiras** que foram criadas para fazer as derivas.*

Uma confluência bizarra entre dois estabelecimentos, suscitou um comentário divertido. O bom humor imperou nos comentários sobre as imagens.

- *Essa é a academia do lado da pizzaria.*
- *É, sai da pizzaria para a academia.*

Em uma **calçada** encontramos uma **goiabeira** com fruto.

- *Comendo a fruta.*
- *Goiaba né.*
- *É goiaba.*

Novamente o tema das construções civis, que trouxe uma reflexão sobre a arte e o utilitarismo.

- *Tem construções que não tem graça nenhuma, constrói para alugar mesmo.*

Ao final dos 14 minutos da apresentação rápida das fotografias, o fechamento deste primeiro momento.

- Então, o que que vocês acharam, qual foi o sentimento. Deu para mergulhar ou não. O que que vocês sentiram com estes 10 minutos desta experiência?

- Eu senti uma **nostalgia**

- Por conta do covid, da clausura?

- Com certeza. Assim, da gente estar ali ... Querendo ou não, tanto a clausura, e o uso da máscara, é uma clausura péssima. A gente sente muita **falta, desta liberdade**. Agora, até se acostumar. Espero que a gente volte logo. E não faz tanto tempo.

- Me veio um pouco de **medo** junto com a nostalgia, pois talvez a gente nunca mais possa viver uma situação semelhante dessa que a gente viveu. Sair pela cidade sem se preocupar muito. De agora para frente, vamos sentir este medo de sair. Andando sem máscara só dentro de casa

- É o novo normal, que eles estão chamando. Interessante, as duas falas que tinham um nexos com a crise sanitária que estamos vivendo.

Início da apresentação de fotografias por um minuto.

- Foi falado na primeira reunião da “deriva imaginária”, e quando observamos estas fotos, conseguimos perceber as vozes, por exemplo o homem da mercearia, quase que dá para ouvir a voz dele, quando olhamos a foto.

- Eu achei isso também. As fotos evocaram **lembranças** que eu já havia deletado. Me lembra também este sentimento que me passa um urbano pobre de imagens. Parece que estamos sempre em uma repetição. Me passa uma **sensação de vazio**, principalmente nestas regiões de Maringá. Para mim são regiões muito vazias. Embora seja um bairro cheio de estudantes, me passa uma sensação de passagem, de aridez. O **silêncio**, ruas vazias, **paisagens repetidas**, muitas grades, uma arquitetura sem identidade, que conforma aquele lugar, me parece um lugar de passagem.

- Acho que isso se manifesta nesta pichação aí. As pessoas tentando um grito ali. Trazer identidade para aquele lugar, trazer cor, se posicionando.

- Para mim, os lugares menos vazios foram aqueles que **interagimos com as pessoas, foi gostoso**. As lembranças que tive com fotos, estas foram as melhores.

- Eu senti essa falta de identidade no buracão, e também no mercadão, que era um lugar **cheio de gente**, de pessoas, mas foi **meio nauseante**, estranho.

- Queria falar do calçadão no mercadão. Hoje já está pior, porque está tudo cercado ali. Praticamente ele (o mercadão) se apropriou daquele espaço e provavelmente não paga nada por isso.

A percepção de um contraste entre o novo e o velho construindo este urbano real percebido no *clik* da foto e pelos observadores do grupo, dando um sentido de complementaridade.

- *A casinha no fundo ali, cercada de prédios.*
- ***O novo e o antigo né.***
- *O fusca antigo também está cercado de carro novo.*
- *São os contrastes.*
- *Existe um paralelismo entre o fusquinha e a casa de madeira.*
- *Maringá é um pouco isso. O antigo, interiorano, com algumas coisas atuais, modernas.*

As baterias do drone carregando na mesa, no dia anterior à primeira deriva.

- *Esta foto remete ao aporte técnico.*
- *Início dos trabalhos.*
- *Preparação.*
- *E nas nossas falas nas reuniões, sempre teve uma valorização de **ações técnicas de captura do real**. O áudio, com o gravador profissional, foi bem valorizado, e o drone também.*

No sítio que não é sítio, pedimos para dar uma andada pela propriedade, então fomos capturando as informações de sons e imagens.

- *Isso dá uma ideia de tempo. A raiz desta árvore tem várias décadas de vida.*
- *Esta foto parece que foi feita no sépia*
- *Isso foi na “florestinha”, quando usamos o gravador, foi uma experiência muito louca, escutando os animais no fundo. Um isolamento total do mundo ali*

A foto de uma calçada obstruída com areia em frente a um prédio em construção.

- *Este caminho novamente. Esta foto mostra uma questão de disciplina urbana, de prática de construção, completamente fora dos parâmetros legais de construção. Um **cotidiano da ilegalidade**. Uma coisa desta não*

pode acontecer. Em um país de primeiro mundo, a empresa é multada, chega a polícia, os cidadãos denunciam.

- Ainda mais aonde tem muita circulação de pessoas, uma zona bem residencial, de um bairro populoso.

- Uma pessoa com deficiência física não passa nesta areia aí.

- Não passa na maioria das calçadas por ali.

- Teria que ir para o meio da rua, porque tinha aquela caçamba ainda

*- Se formos pensar nas questões de mobilidade, aquilo ali está impedindo a nossa passagem. Foi comentado o problema com o cadeirante, mas ele tem problema em muito mais espaços pela cidade, nos **calçamentos, não tem rampa**, etc. São coisas que a gente acaba não percebendo, e quando fica visível para a gente, cria-se este desconforto.*

- É que também incomoda a gente, aí é que percebemos

- É a falta de uma consciência mais ampla, uma falta de empatia, de modo geral. Daí a importância da prática da deriva, ou seja, buscando uma outra cidade, uma outra dimensão, e percebendo estas coisas.

A foto de um dos membros fotografando.

- Esta foto é legal porque ela materializa a ação da captura, uma prática que todos fizeram, que foi a captura de fotos com o uso do “smarthphone”.

Importante ponto observado sobre o valor de um trabalho coletivo, compartilhado e por isso estimula as falas.

*- Eu perdi bastante a identidade, com relação às **fotografias**, na medida que elas entraram **de forma anônima**, no global do grupo. O que não é ruim, acho interessante.*

- É interessante, a gente perde um pouco a referência.

*- Esta coisa do **autoral**, ela **quebra neste coletivo**.*

Uma foto de um morador de rua dormindo na calçada.

- Isso aí é mais um retrato tremido

- Mas é um tremido interessante, pois traz uma sensação de movimento, algo rápido, meio fugaz.

- Tirar a foto logo antes que ele acorda!

- É uma situação cada vez mais presente no cotidiano de Maringá.

- É um retrato do Brasil atual.

O grupo reflete sobre a sutil fronteira entre os padrões necessários para a qualidade de vida e segurança no espaço urbano, e a liberdade criativa dos proprietários que constroem as calçadas.

- Não tem **padronização** nenhuma destas **calçadas**. Cada um faz o que quer, a cor que quer, não existe um ordenamento
- É isso é ruim ou bom? Tem que ter padrão?
- Não né, senão ia ficar tudo igual.
- Eu também acho. O padrão que eu trouxe é as questões de sinalizações.
- É uma discussão interessante, porque ela é **dilemática**. Ao mesmo tempo que **pode ter a diferença**, que faz parte da criatividade humana, **tem que ter padrões** que determinam um mínimo de estrutura para se exercer a **urbanidade**. É a capacidade de viver um coletivo, então é calçada em condições de percorrer, acesso pleno. São parâmetros que tem que existir. A criatividade e a personificação dos espaços públicos são legítimas, respeitando certas condições. É um pacto urbano. O que ocorre neste caso é a ausência do Estado, então as pessoas resolvem os problemas sem planejamento e sem respeito a algumas regras estabelecidas para o uso dos espaços públicos.

Uma foto de um prédio de apartamentos com um arbusto florido ao lado.

- Esta foto parece uma foto de **cartão postal da empresa** que construiu o prédio.
- Uma esperança. **Que a vida neste cubículo seja florida**.
- Mas é difícil pensar que é. Assim, estamos falando de um prédio de classe média, mesmo assim passa uma sensação estranha, **enclausurados ali**.
- O urbano capitalista evolui de forma geral, neste sentido, são os processos de verticalização.

Em uma lata de lixo.

- Duas bananas (numa caixa aberta, ao lado do lixo). Estas bananas estão no limite entre a possibilidade de comer, e jogar fora. Se o cara chegar com muita fome, ele come. E se ele chegar extrapolado de fome, ele abre aquele lixinho transparente.
- Pois é.
- É a radicalidade.
- E aqueles fios? Qual o sentido daqueles fios no chão?
- Na zona sete sempre tem fios assim.

Foto do sítio que não é sítio evoca sentimentos de melancolia sinalizada por conta do clima. Uma relação entre natureza externa, e natureza interna, subjetividade.

- *Voltamos à mata.*
- *É um filme de terror.*
- *É um sentimento que quase todo mundo tem. É uma natureza, mas não é uma natureza idílica. Tá mais para encontrar um corpo morto aí do que outra coisa.*
- *Nossa, **fiquei com medo** quando resolvi entrar aí. Tinha um povo morando aí ... sei lá.*
- *Olhando as fotos assim, está me reforçando muito um sentimento de melancolia. Até agora, em nenhum momento me trouxe uma sensação de lugar bonito, lugar agradável, sempre me trouxe uma sensação de estranheza.*
- *Isso na primeira deriva. Na segunda deriva no parque, ela estava legalzinha, tinha uma beleza lá, tinha uma felicidade no ar.*
- *Alguém está com este sentimento, ou é uma coisa minha? ...*
- *Na primeira deriva as pessoas estavam em casa. Acho que é isso. O melancólico, o cinza, do **tempo** que está nublado também. Não te traz felicidade de estar ali fora curtindo. Melhor o espaço dentro de casa, de boa.*

Parada ao final da primeira deriva.

- *O foco central desta foto é o trabalho, e o seu produto.*
- *Que é o mais primário.*
- *Caldo de cana é cultural. No Brasil inteiro se consome caldo de cana. Se vocês forem pensar. Isso aí é o pai do Food Truck, a mais de 50 anos atrás já tinha estas máquinas montadas num reboque.*

Centro esportivo municipal visto pelo fundo.

- *Muito cimento.*
- *Acho que tinha uns nadadores ali.*
- *Mas é alguma coisa velha. Passa essa ideia de não muito mantido, assistido, o imóvel.*

Foto dos instrumentos musicais percussivos, de um grupo de olodum que ensaia em frente à universidade.

- *Você olha a foto, você imagina o som, não lembra, mas imagina o som.*
- *Nossa! Imagina muito. Eu trabalhava no novo centro, e descia bem na hora do ensaio. Seis, seis e pouquinho, antes das aulas (da UEM) Quase todo dia eles ensaiavam. Nossa! **Só barulho na cabeça.***
- *Você via como um barulho?*
- *É, porque era muito alto ... Mas era um dos barulhos, porque trânsito, seis e pouco, aquele caos.*

No meio da apresentação das fotografias, uma pergunta ampla, sem relação com a foto que aparecia na tela. Isso demonstra que as fotos estão trazendo, alimentando reflexões outras, é certo que relacionadas com o observado nas fotos, mas podem extrapolar para outros temas de análise.

- *Vocês acham **Maringá provinciana**?*
- *Cada vez mais eu estou achando que **sim**. Mas eu acho assim, convive muitos grupos diferentes em Maringá. Acho que a universidade, principalmente a UEM, consegue trazer uma cultura diferente para a cidade, uma cultura alternativa. Eu acho até que é uma cidade agitada pelo seu porte, com movimentos sociais, que vão às ruas, mas ao mesmo tempo eu acho que é uma cidade muitíssimo provinciana.*
- *Acho demais, até o **movimento cultural**, acho muito **provinciano**.*
- *Ao mesmo tempo que ela é provinciana, ela tem **um perfil de modernidade** diferenciado de outras cidades. Como ela é uma cidade recente, ela se moldou para uma lógica de produção do espaço neo liberal mais recente. Isso abre canais de comunicação mais próximos da modernidade, ou pós modernidade recente. Quando você tem uma cidade que é secular, existe lá enraizada uma cultura de resistência, por conta dos hábitos no tempo. Maringá já nasce neste tempo mais presente. Uma das discussões que se coloca, com relação a Maringá, é que ela não tem uma identidade.*
- *Eu também tenho este sentimento que Maringá é esta cidade bem interiorana, e devido a este fato dela ser recente, igual a gente está vendo esta casa aí de madeira. Não são tão antigas, 50 ou 60 anos, mais ou menos a idade da cidade. Este ar de. Modernidade se dá por conta das universidades.*

A foto de uma rua completamente vazia, como tantas outras na primeira deriva.

- *Vocês veem, é **sem movimento**, (a rua completamente vazia). Essa foi a característica da primeira deriva. Parece que a falta de movimento, faz com que a gente não fale também.*

Outro momento com a **goiabeira**.

- *Esta foto é da hora.*
- *Lembrou o gosto da goiaba, ao ver a foto?*
- *Ela estava boa. É gostoso o **inusitado** de você comer uma fruta do pé **no meio da cidade**.*

Uma casa estranha com uma escada que levava do chão, direto para o primeiro andar.

- *Olha a situação desta escada nesta casa. Difícil de entender aonde é a porta de entrada.*
- *Talvez não seja a entrada principal.*
- *Deve ser hem?*
- *Vocês acham que esta casa foi feita por um engenheiro, ou por um mestre de obras?*
- *Depende muito, as vezes subestimamos o mestre, e também o engenheiro.*
- *Acho que ela foi feita aos poucos.*
- *Acabou pessoal.*
- *Interessante, o outro vídeo acabou com essa foto, e esse também.*

Depois da apresentação das duas sequências de fotos, foi feita uma rodada de avaliação pelos membros do grupo.

- *Toda a experiência é legítima. O que nós buscamos foi perceber uma derivação do discurso, porque a fotografia e o vídeo têm seu próprio discurso, mas você pode comentar sobre estes produtos. O que vejo como uma potência, porque tanto a fotografia, quanto a produção de vídeo, elas abrem a possibilidade dos comentários. Eu participei de alguns cine clubes em São Paulo, que ao término da seção, suscitava discussões importantes. As pessoas preparavam falas para desdobrar aquilo que o filme apresentou, e isso é bom. É uma potência maior,*

- que extravasa a objetividade da imagem, da sua percepção visual, abrindo para um discurso oral ou escrito.*
- *O que vocês acharam desta experiência, vamos fazer uma rodada?*
 - *Achei interessante nós **revivermos** nossos **momentos fora da clausura**, com uma certa nostalgia, achei interessante.*
 - *Eu gosto deste modo que foi usado. A gente é **bombardeado** com várias fotos, em **poucos segundos** para a gente **digerir**, assim bum! A gente é **transportado** para vários **lugares** diferentes, mesmo sendo **a mesma cidade**, principalmente porque não foi usada a ordem cronológica, foram fotos aleatórias. Eu gostei da sensação que passava de que cada foto, mesmo você sabendo que é a mesma cidade, me parecia estar trazendo um lugar diferente.*
 - *Mexe com o imaginário também, eu pensei. As vezes uma fotografia te remete para uma sensação que você teve na adolescência, por exemplo. Uma coisa que me veio também é a motivação do fotógrafo. Uma coisa que nós não exploramos. É saber **o que que levou ao “clíc”**. O que trouxe a perspectiva da existência desta imagem?*
 - *Eu gostei bastante da primeira atividade por conta, como foi dito, de jogar e estimular o **movimento das lembranças**. Eu senti falta, nas fotos, de movimento, mas eu não estou dizendo que precisaria ter. Senti o ambiente vazio, melancólico, o que criou em mim uma certa angústia. É um espaço que me angustia, de certa forma, quando ele está vazio.*
 - *Você acha que tem um vínculo com seu cotidiano. Na hora que você sente esta angústia, ela remete a situações já vividas neste espaço, é isso?*
 - *Exatamente. Estas andanças, principalmente na época da faculdade, eu ia muito a esmo, sozinho, e era momentos que estava vazia a zona sete. E eu estava com minhas reflexões sobre se era o curso que eu queria, se eu estava na cidade que eu queria. Eu gosto de uma cidade grande e estou em uma cidade pequena. Enfim, todas aquelas angústias me fizeram reviver. Percebi também que as fotos que tinhas pessoas nós conseguimos avivar mais comentando, e as outras sem pessoas, ficamos mais quietos. Era um pouco do que estávamos sentindo naquele momento. Nós não tínhamos muito o que fotografar, portanto não temos agora do que falar destas fotos. Eu não estou achando isso ruim.*
 - *Eu acho que **fotografamos a angústia**.*
 - *Acho que a gente fotografou ali o vazio, não tinha muito o que fotografar, fotografava uma placa, lixo, e á a coisa mais mundana que existe, e é o que tinha ali, o que nos apresentava naquele local, algo assim.*
 - *Acho que eu tive também este sentimento de nostalgia, de angústia, principalmente a universidade. Hoje a UEM está mais fechada. A vivência que existia não existe mais.*

- *Olhando tudo isso aí, está um saco a cidade hoje em dia. Parece que estamos revivendo aquele sábado todo dia (primeira deriva). Ninguém andando pelas ruas, tudo fechado depois das 9 horas.*
- *Parece que **foi o prenúncio**, de avisar o mundo do que estava por vir (a crise sanitária).*
- *Até minha cidade natal, que tem 3 mil habitantes é mais animada no sábado do que Maringá. Penso também que eu deveria ter aproveitado mais a graduação, porque isso não vai voltar.*
- *Vou tentar dar um fechamento. **É um sentimento de angústia. A presença fúnebre da pandemia, o contraste entre a deriva que fizemos e a clausura.** Ao mesmo tempo que, nos argumentos do começo de nossa conversa, alguém falou que era bom aquela época, pré pandemia, porque estava sem máscara ... ao mesmo tempo tem a imagem da angústia, das ruas vazias. Vocês não lembraram dos momentos de sociabilidade, como a senhora que nos atendeu na mercearia, que deu uma conversa, o ancião que conversou que era um pioneiro, o dono do mercado, antes de irmos para o parque, o senhor que tocava no meio do sábado, antes do almoço animando com o atabaque. Nós tivemos alguns momentos de sociabilidade. As pessoas observando nosso trabalho. O uso de tecnologias chamou a atenção das pessoas. Avaliamos como isso de certa forma interferia na vida das pessoas. Eu não tive um sentimento de angústia propriamente dito. Não consigo delinear claramente qual foi o meu sentimento da imagem. Não sei se também estou muito preocupado em refletir sobre a imagem, meio porque estou coordenando este trabalho, se houve, por conta disso, uma interferência na minha liberdade de expressão, eu acho um pouco disso também, acredito que tem um viés na minha percepção. Não fiquei muito a vontade, fiquei mais preocupado com o rolar do trabalho. Achei legal o primeiro vídeo, com o mosaico de fotos, ele atinge o objetivo que era penetrar novamente naquele ambiente, retornar. Isso apareceu nas falas de vocês, com ênfase nas lembranças daquele momento, na nostalgia. **Não só a angústia** sinalizada por alguns de vocês, **mas a nostalgia.** Aquela vontade de ter vivido aquilo, e mostrando a qualidade que era aquela liberdade, que hoje está negada. Trouxe este contraste na nossa reflexão.*

2. O DISCURSO IMAGÉTICO - VÍDEOS

No sítio que não é sítio uma filmagem do grupo saindo da propriedade.

- *O mundo de pernas para o ar. E a gente sai aqui.*
- *A vida selvagem.*
- *Estamos em pleno sítio, no meio da cidade, mas a denúncia atrás com o prédio revela.*

Antando por uma rua, várias casas com cachorros presos e latindo. À frente um senhor colocava ração para os gatos na rua. Chegamos no momento que ele alimentava os bichanos.

- *A vida selvagem continua ali.*
- *Territórios, territórios.*
- *E são **animais urbanos**. Pomba, gato, cachorro, bem-te-vi.*
- *Tem pessoas que são cuidadoras.*
- *O cara fica bravo, ele fala - "pelo amor e Deus, deixa eu dar comida para os animais".*

Um contraste entre as calçadas e um dilema sobre a responsabilidade de mantê-las.

- *Não tem **nenhum calçamento decente**, só vai ter lá na frente, perto da UEM, lá no calçadão, mas mesmo assim ... Esses são os bairros.*
- *Esta é uma calçada bonita. Por quê? Porque tem um prédio que deve ter construído este calçamento todo. Não tem o erário público participando, de quem é responsável por isso efetivamente.*
- *Esta parte da zona 7, a parte de cima, é uma região mais rica.*
- *Esta é uma questão cultural, que está vinculada ao discurso. Porque o discurso, vem pronto. Você recebe o discurso mas o discurso já aconteceu quando você fala. Esta é a ideia dos linguistas. Por isso que o discurso tem uma ideologia por traz, que eu chamaria de valores. Valores culturais seria a forma mais ampla de interpretar isso. Então existe uma naturalização, por parte de nossa tribo, de nossa comunidade, em relação a estas calçadas destruídas, terrenos sem a devida manutenção. Se naturaliza estas relações num país de terceiro mundo, emergente. Em países centrais vão ocorrer outras relações culturais, que irá construir outro discurso.*
- *Eu concordo em parte com isso. Os países centrais constroem esta imagem de países extremamente organizados, extremamente limpos,*

só que você encontra nestes países centros que estão degradados, degradantes.

- Existe uma precarização, no contexto da globalização e do capitalismo, existe uma precarização global. Em todos os grandes centros urbanos capitalista, você tem contrastes sociais.

- No Brasil, também eu acho que existem cidades que estão mais ou menos neste processo.

- Maringá é um exemplo. Se alguém vem a Maringá, e anda no centro, vai ter uma intervenção, uma imagem da cidade, mas não é a cidade.

- Maringá é um exemplo de urbanidade contemporânea, neoliberal, está na região mais desenvolvida economicamente do Brasil. E Maringá é considerado um dos melhores municípios do país. No entanto a gente percebe, andando pela cidade, em um bairro próximo ao centro, bairro de classe média, alta, nos deparamos com calçadas horríveis, muito mal cuidadas, na área mais desenvolvida do Brasil. Agora, vá ver como está a situação em uma pequena cidade de 15 mil habitantes lá no nordeste? O que acontece, e é problemático, e que naturaliza se esta situação. Porque o que determina a transformação, ou manutenção, é a atitude cidadã, de cobrar o serviço.

É certo que a responsabilidade da testada da casa, ou seja, a metragem da frente da casa, é do proprietário, mas também da prefeitura, na medida que existem rubricas específicas³ para esta manutenção do calçamento da malha urbana. No que concerne à cobrança do serviço, como é também responsabilidade do proprietário, cabe ao poder público fiscalizar as propriedades. O Estado tem a obrigação de construir um círculo virtuoso, onde a qualidade do calçamento, constitui qualidade de vida, que por sua vez, valoriza as propriedades. Quando isto se rompe, é o caminho ideal para a corrupção, para o desmando, o desvio de recursos. Para as elites retrógadas, é melhor que as coisas não sejam organizadas. “Vai da valsa”.

No sítio que não é sítio, incrustado na cidade nós encontramos alguns bonecos, manequins, sendo que um deles estava com uma lata na cabeça.

- E essa intervenção aí?

- Parece que foi uma intervenção ... no fundo foi, é “o cara de lata”.

³ Parte da arrecadação da prefeitura é direcionada para uma rubrica que encampa a manutenção dos calçamentos.

Andando na propriedade.

- *Esta cena é bucólica, parece que você está no campo.*

Em um dado momento da deriva no sítio que não é sítio nós encontramos o vertedouro de águas pluviais em forma de escada.

- *Eu estava curioso, e um pouco assustado.*

- *Este lugar é meio assustador.*

- *A escadaria para o inferno.*

-

Filmagem com o drone, momento de descanso do grupo.

- *Aí é o momento de mudança de escala de análise.*

- *Por que Maringá recebe esta denominação de uma cidade bonita?*

- *As pessoas acham Maringá bonita. Eu sempre recebia as pessoas dos eventos científicos, e quase sempre as pessoas diziam que Maringá era muito bonita, arborizada.*

- *Nós vivemos nestas derivas, uma abundância de informações, o que leva a sua não valorização. Veja o caso dos vídeos. Hoje qualquer um pode filmar, e até fazer um filme de qualidade, com baixo custo. Antigamente quando você filmava, era um rito, um momento sagrado. As pessoas podiam filmar em 8 mm. Ou 16 mm, e o custo era alto aqui no Brasil. Nesta época, anos 1970, você mandava um filme 8 mm para revelar no Panamá. Mandava o filme pelo correio, demorava de 2 a 3 meses para chegar, isso quando chegava. Hoje é tudo mais fácil, e isso mudou significativamente o valor da imagem.*

Um parque no Jardim Alvorada, 2ª DT.

- *“Isso é significativo, pois parece uma entrada, **um pórtico**. Como tem em Paris, Berlim.*

- *E no Jardim Alvorada também.*

- *Era um fim de semana, e não tinha ninguém jogando na quadra.*

Mais um comentário que não está relacionado diretamente a uma imagem, mas a um todo, resultado do que foi visto até então.

- *Você vai assistindo, e vai mergulhando na gramática de cada uma das imagens.*
- *Dentro de toda esta complexidade do **urbano**, podemos dizer que ele é **monótono**, porque sempre **as coisas são recorrentes**, os carros, as motos que passam, os lugares.*
- *Os gatos, cachorros.*
- *Os fins de semana, as pessoas fazendo compras, bebendo cerveja na rua. Coisas recorrente, monótonas se formos pensar. Com toda esta complexidade da sociedade contemporânea, as **ações sociais**, num sentido amplo, são **previsíveis**.*

O grupo se depara com uma pequena rua e para. Opta-se por entrar e derivar por ela.

- *Esta foi uma decisão de rota, de quebra na deriva. **A deriva apresenta um conflito** interessante, que é desenvolver as coisas junto e **ter uma coordenação das ações**. Tem que ter! Senão cada um vai para um lado e aí? Mas ao mesmo tempo nos empenhamos em descentralizar. **O poder e a hierarquia** poderiam estar **camuflados** em um linguagem autoritária. Com gestos, entonações, isto existe. Poderia estar aparecendo, na forma de interpretação e de relacionamento com este espaço, e com as pessoas do grupo. Mas fundamentalmente, esta decisão de você derivar para um lado ou para o outro, ela tem que ser consensuada, e que acontece no momento. Alguém parou para pensar e o grupo acatou, e já foi, sem muita conversa.*
- *Esta filmagem ficou legal, esperou acontecer a cena, ela tem um tempo longo.*
- *Fui eu filmando até eles desaparecerem.*
- *Ela quebra o ritmo. Antes aquele ritmo agitado andando.*
- *Agora o silêncio.*
- *Parece que você concentra mais na imagem. Você tenta sugar da imagem mais sensações.*

Chegamos em um parque, apelidado de buracão.

- *Estas imagens do fim de semana. Levou o grupo a **refletir se era deriva ou se era passeio**.*

- *É que o parque parece dar este sentido de passeio, parece que adentra em uma dimensão mais de **lazer**.*

O vídeo termina e uma rodada de fechamento é feita.

- *Na semana retrasada, quando observamos **as fotos**, eu gostei porque deixou espaço para a gente **imaginar**. Foram ganchos que foram jogados na nossa cabeça, puxando a gente devagarzinho, mais para dentro do dia em que a gente viveu. No caso dos **vídeos**, me passou mais uma sensação de **um sonho**, sabe quando você acorda, e só lembra de fragmentos do sonho que vai se perdendo cada vez mais. O momento dos vídeos não foi muito diferente disso. **Cada vídeo parecia um sonho diferente**. Eu sei que tinha algo muito mais fundo ali, o sonho era muito maior, mas só consigo lembrar destes fragmentos que os vídeos nos trazem. Tem uma coisa muito grande por traz de cada um destes vídeos, mesmo eles tendo movimento e som, já trazendo muita informação e muita lembrança, mas na verdade, **nossa experiência foi muito maior do que eles, são de fato capazes de registrar**. Mesmo depois da primeira e da segunda reunião, eu fui digerindo as imagens. Captando, tentando entender o que tinha sentido. Ao longo da semana é que foi saindo. Com os vídeos acho que será a mesma coisas. Mas a sensação que eu tive com os vídeos foi essa, de uma lembrança que me veio assim destes pequenos fragmentos. Foi uma coisa muito grande, que **me deixou bem feliz, como uma experiência vivida**.*

- *Uma pergunta que eu acho importante. Essa busca desta meta discurso é importante de se fazer, no exercício da deriva/transurbância? Essa metodologia, essa estratégia de ação que foi desenvolvida, ela é positiva?*

- *Sim. Abre parâmetros para discutirmos o que aconteceu naqueles dois dias. Principalmente depois de tanto tempo, se baseando em uma outra visão do que a gente viveu. Através das fotos, dos sons, e dos vídeos que fizemos.*

- *É um **outro momento no tempo**, e é **história** já, não é aquele presente vivido.*

- *Dá para ficar **percorrendo a experiência meio no infinito**.*

- *Compartilho esta ideia deste sentido menos entediado com o vídeo, do que com as imagens fotográficas. No dia da primeira reunião para analisar as fotos, depois, parece que “bateu uma coisa”. Eu saí da reunião tentando entender o que tinha acontecido. Eu não estava entendendo se aquele era um sentimento que eu estava naquele momento, ou era um sentimento da própria deriva.*

- *Talvez tenha sido um **gatilho para sentimentos seus**.*

- *Já o **vídeo** criou um fluxo legal, de curiosidade, para saber como seria o próximo “take”. O **contraste entre silêncio e som**. Tem “takes” legais,*

*principalmente os planos sequencia, que te dá um ritmo de deriva, você entra um pouco no espaço urbano. Um pouco mais de realismo, uma imagem mais próxima da experiência do urbano. Também **gostei das entrevistas. Elas geram um conhecimento do espaço mais profundo. É interessante ele falar que ele construiu aquela rua, saber quem mora ali. A mobilidade que ele teve, seu percurso de vida.***

- Ele amplia, traz sua história e abre para capturarmos, o que efetivamente amplia a percepção do espaço.

*- Uma das falas que eu achei bem interessante foi a **percepção rápida dos vídeos como um sonho**. Isso me fez lembrar um conceito da teoria do cinema soviético, que é o **cinema do choque**. Algumas imagens são potentes. É como se você tivesse levado um soco, e **aquilo ressoa em você, você fica sentindo**. As imagens produzem isso. Vamos sair daqui com estas imagens soando na gente, até um tempo. **Depois ela vai se fragmentando e vira um sonho. Esta ideia contribui para o desenvolvimento da metodologia que realizamos, de rememorar.***

*- Isso é o **meta discurso**, trazer esta interpretação de uma coisa vivida. É interessante a ideia que foi trazida, que é a **infinitude**. É um **processo que pode ser feito em vários momentos**. Cada momento que você vai interpretar, será **uma interpretação diferente**, porque é um momento seu diferente, um momento coletivo diferente, **as ênfases poderão ser outras**. Você tem o tempo da produção original (master) que foi capturado das derivas, depois você tem ou outro tempo, que é o tempo das pessoas que já digeriram a experiência. Quando se produz o meta discurso você já traz este processamento, e no caso, processado coletivamente.*

*- O **áudio sempre foi a menina dos olhos das nossas derivas**. Porque na primeira deriva foi falado muito da importância do gravador, que amplificava o som, nesta interpretação dos vídeos também foi falado da importância do áudio no processo.*

3. EXPERIÊNCIA DE DERIVA NA CLAUSURA – DC, DEVIDO AO COVID 19

Vamos estabelecer qual a posição relativa da noção de deriva, mais especificamente deriva na clausura na ciência. O objetivo da ciência é compreender os fenômenos em seus processos naturais, de forma geral, e sociais, de forma mais específica. Para tanto, o levantamento de dados aparece como premissa. A partir deles, fazemos nossas análises de forma objetiva. No entanto, objetividade e subjetividade se irmanam na busca da verdade. Este sujeito criador de

ciência, interpreta o real, a partir de imagens criadas mentalmente, que influenciam na ênfase da percepção deste real. Criamos valores, e estabelecemos uma seletividade daquilo que observamos, seletividade que se produz pela cultura e pela ideologia. Mas a leitura crítica do mundo, possibilita a percepção de numa totalidade inerente ao real. Neste sentido, construímos mecanismos para este desvendamento. A deriva é um destes processos, que apresenta estratégias e escalas variadas de ação. Desde a Deriva/Transurbância – DT, focada na objetividade concreta do real, até a Deriva na Clausura – DC, que evoca as imagens mentais, possibilitando a deriva imaginária, focada na subjetividade, a ênfase no sujeito da ação.

Para reportar a esta experiência de Deriva na Clausura – DC cabe tratar sobre a deriva imaginária, que mescla nos micro espaços, a possibilidade de uma existência criativa em situação de clausura. Portanto uma percepção do mundo como possibilidade. A ideia de imaginária, nos remete à noção de imaginação. A imaginação busca imagens percebidas no passado pelo sujeito, e reordena criando possibilidade. Estas podem estar ligadas ou não com a realidade. Podem, portanto, serem ficcionais. A imaginação constrói um significado para o mundo, que se fundamenta na percepção da realidade. Esta é uma construção feita pela forma como apreendemos o real. Ocorre então a criação de *imagens mentais*, que tem como função representar o mundo, a partir de nosso universo cognitivo. A imagem não está sujeita a julgamentos de verdade e falsidade, o que leva a uma identificação com um pensamento metafórico. A produção de uma metáfora, é um exercício criativo e imaginativo, que promove associações deferentes, por parte de receptores de domínios diferentes. A imaginação seria responsável por enxergar o mundo como possibilidade, tendo como característica do potencial criativo, para a presença real, concreto, histórico, pela ação. SANTOS (2011) escreve que a imaginação apresenta dois aspectos de devemos considerar. A imaginação como pensamento icônico (simbólico), e como intuição, para além do raciocínio linear. As imagens mentais são criadas pela percepção, e reprocessadas na mente. Ancoradas na realidade, ou abstraídas, para a construção de uma ficção. As imagens mentais são interpretações da realidade percebida pelos sentidos, e filtradas, indo parte para o consciente, e outra parte para o inconsciente. Acrescentando também, os valores e as ênfases que o indivíduo dá à realidade percebida. A observação do real aguça estas ênfases. A flexibilidade é uma característica importante da imaginação. Imaginar algo, é não estar comprometido com sua verdade ou falsidade.

A deriva na clausura faz valer a perspectiva da deriva imaginária. A partir de micros espaços, e da interpretação de objetos, constrói-se um mundo criativo, que soma na evolução humana em espaços restritos e restringidos, a clausura.

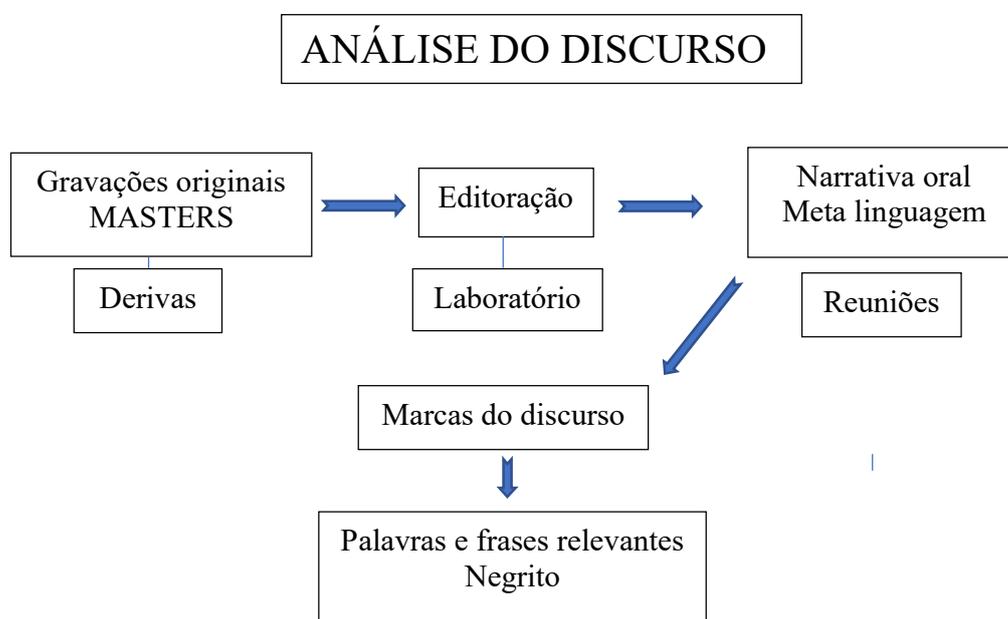
Feita estas considerações, levando em conta que sou um dos membros do grupo que experimentou a Deriva/Transurbância, e que tínhamos nos proposto a avaliar o contraste entre liberdade e confinamento no contexto da deriva, e que o grupo se desarticulou, não ocorrendo a 3ª reunião programada para avaliar a experiência de deriva na clausura – DC do grupo. Então resolvi relatar minha experiência de DC, estando eu infectado pelo vírus COVID 19. Nesta situação, a deriva como forma criativa de percepção dos microespaços, e das áreas obscuras no cotidiano, ficam secundarizadas pelos receios que aparecem por conta do desconhecimento de um vírus mortal que não sabemos como controlá-lo. Levou algum tempo para eu pôr em ordem meus pensamentos e ações, principalmente por estar em um espaço não comum. Estava no apartamento de meu irmão. Tudo aconteceu de forma inusitada, onde ele contraiu o vírus, e eu também. Ele foi hospitalizado, e eu não. Minha carga viral foi baixa, por conta de todas as vacinas que eu havia tomado. Então fiquei isolado no apartamento de meu irmão por 14 dias. A primeira coisa que busquei organizar foi minha alimentação. Pude fazer compras de supermercado de forma “on-line”, estabeleci uma dieta para este período. Com o correr dos dias, uma das formas que eu encontrei para passar o tempo, foi pelo trabalho. Laborterapia. Então resolvi limpar panelas, o fogão, o banheiro, cada dia definia uma tarefa para fazer. Hoje a área de limpeza, amanhã banheiro, etc. Com isso preenchia minhas manhãs, e o espaço ficava melhor, criava positividade para a convivência, aguardando a chegada de meu irmão. Pedi para minha sobrinha comprar um tapetinho de yoga, e uma caixa de incenso, para que eu pudesse me exercitar, e relaxar com exercícios de meditação. Busquei uma vida bastante regrada. O Almoço, os lanches, e a janta, sempre nos mesmos horários. À noite, depois do jantar, falava com Carmen, minha companheira, e logo após, assistia uma série de cinema pelo computador. As informações sobre o meu irmão me eram passadas pela minha sobrinha. Então foi dentro desta rotina que eu iniciei as minhas derivas, dentro daquele espaço enclausurado, no apartamento, que é um apartamento pequeno. Mapeei a incidência de sol pelo apartamento, também comecei a observar os objetos de decoração, espalhados pelo apartamento. Muitos vasos, esculturas, quadros. Já havia visto quase tudo aquilo, mas com um olhar raso. Agora pude observar com mais

profundidade, o que me levou a devaneios e ilações sobre os objetos, sua origem, o que o artista podia estar pensando no momento da criação da obra.

Quando eu observava um destes objetos, eu me deixava levar, sem pressa. Buscava na observação, o alimento para minha imaginação. Em alguns casos, depois de uma observação longa, eu fechava os olhos, deixando aquelas imagens produzirem relações. Muitas vezes a memória ativava outras imagens mentais, construindo cenários, os mais variados possíveis. Em outros casos, depois de uma observação acurada e profunda de um objeto, eu fazia uso de um bloco de anotações, onde deixava minhas impressões daquilo que tinha “visto”. Comecei a dedicar um tempo do dia para estas derivas, e percebi que, a cada dia, eu dedicava um tempo maior para esta ação. Como escritor, pude documentar muitos destes momentos, constituindo um material importante para produções futuras. Mas o fato de aguçar minha imaginação, nestas observações, foi o aspecto mais importante desta prática. Me trazia uma certa centralidade ontológica, não dando espaço para inquietações e angústias, normalmente presentes em situação de confinamento. A Deriva na Clausura – DC, mostrou se eficiente como forma de relacionamento com o mundo e com as coisas, se constituindo como uma maneira criativa de viver naquele contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No esquema a seguir, apresento o percurso traçado desde as experiências das derivas, até o último refinamento (palavras em negrito) para a análise do discurso.



Nestas considerações finais, busco uma síntese dos aspectos mais relevantes que resultou desta análise, como segue.

O medo aparece na primeira deriva, por conta de adentrarmos em uma propriedade estranha. Um enclave urbano. Parece um sítio. Apresenta uma mata na vertente de um riacho. No fundo do pequeno vale, encontramos um vertedouro de águas pluviais, em forma de escadaria. Uma área suja abandonada.

Nas duas derivas houve uma preocupação com a arquitetura da cidade, o contraste entre as propriedades. Os edifícios, as casas com quintais, cachorros, e as casas de madeira. Muitas calçadas precárias, o que suscitou comentários no grupo. Encontramos algumas calçadas sendo pintadas. Em uma das fotografias contactamos a relação entre a qualidade da calçada, na testada de um edifício de luxo.

Encontramos alguns grafites que foram bem comentados. Muitas grades e muros. O muro ao mesmo tempo que restringe o acesso à propriedade, liberta o exercício crítico, livre, e democrático dos grafites, uma apropriação legítima. Guy Debord é citado com sua ideia de “romper com as fronteiras”.

Aparece uma nostalgia, por conta da clausura, devido ao COVID 19. A observação das imagens das deriva, remetem ao momento pré pandemia. As pessoas sem máscara, andando livremente. Foi sinalizado o medo de não voltar mais ao que era. Agora é apenas “o novo normal”.

O grupo estabelece um contraponto entre a liberdade da deriva e a situação de clausura que vivíamos no momento da reunião. Angústia e melancolia foram palavras recorrente. “A presença fúnebre da pandemia”, como foi dito.

A percepção do grupo em relação ao ato de fotografar, o “clik”, foi premonitória. De certa forma, relacionaram o silêncio, e a ausência de pessoas (1ª deriva), com algo que estava por vir, que foi a pandemia.

Os animais urbanos apareceram nos comentários. Os cachorros presos nos quintais, e os gatos soltos pelos muros e telhados. Encontramos um senhor dando ração para gatos de rua, que se incomodou com a nossa presença, certamente por espantar os gatos.

Foi feita uma constatação sobre a monotonia do espaço urbano. As coisas são recorrentes e previsíveis. Uma monotonia na complexidade urbana.

No momento da reunião para a observação e comentários sobre as imagens, aparece uma auto avaliação da prática da deriva, quando percebe-se um conflito entre a liberdade das ações, e a necessidade de uma coordenação, aonde pode aparecer o poder e a hierarquia camuflados. Ainda quanto a avaliação da prática da deriva, aparece o questionamento se o que fazíamos na segunda deriva, era passeio ou deriva. Esta questão vem a tona, por conta de adentrarmos no sábado, em um parque ensolarado, com muitas pessoas desfrutando seu lazer.

O fechamento da segunda reunião, para a observação dos vídeos, foi relevante. Uma oratória rica em simbologia, foi utilizada pelo grupo, tratando do ato de imaginar, propiciado pelas fotografias, e os vídeos curtos, passados rapidamente, e em grande quantidade, fez parecer com a sensação de um sonho. Mas nossa experiência foi muito maior do que as imagens são capazes de registrar, disse alguém no grupo. Isso é importante, pois trata desta experiência como uma totalidade complexa, que impactou em cada um, mas que virou uma história contada, devido às narrativas capturadas e trabalhadas, podendo esta experiência ser percorrida infinitamente, em qualquer espaço/tempo.

A experiência de DC relatada neste artigo, cumpre a missão de, minimamente, concluir o projeto proposto. O ideal seria repassar esta experiência, junto com as dos outros membros do grupo, em uma reunião do coletivo, com foi feita com a DT. Mas fica aqui a sinalização de um caminho a ser percorrido para a completude do projeto. A deriva como possibilidade de uma interpretação crítica dos espaços, em suas várias escalas, mostra-se pertinente como estratégia de ação. Tenho a convicção que este trabalho soma mais uma ação, como as tantas que tivemos com Guy Debord, Francesco Careri, Merlin Coverley, Edwin Valentine Mitchell, Anselmo Peres Aló, E Orlandi, entre outros.

REFERÊNCIAS

- ALÓ, Anselmo Peres. **Revisão da obra de, Eni Puccinelli Orlandi. “Análise de Discurso: princípios & procedimentos.”** SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/3 (esp), p. 389-394, dez. 2012.
- BENVENISTE, Émile. **Le langage et l’expérience humaine.** IN: Problème du langage. Paris, Ed. Gallimard, 1966, p. 3 – 13.
- CAMPOS, Aroldo de. **Metalinguagem & outras metas.** São Paulo, Perspectiva, (Debates: 247), 2006, 48 p.
- CARERI, Francesco. **Nomadismo, architettura, ospitalità – Esperienze e azioni dal camminare al CIRCO.** Roma, Bordeaux edizione – ISBN 979-12-5963-018-6. Ano 2020. E-book Kindle.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo, Perspectiva, 1970, 390 p.
- _____. **Tratado de semiótica geral.** Barcelona, Lumen, 2000. 461 p.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, 165 p.
- FRESNILLO, Mariano. **La clausura desrejada,** Madrid, Doce Calles S. L. E-book 2021.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar.** Elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013, 320 p.
- MADER, Marília. **Amor nos tempos do corona – recortes da vida confinada.** São Paulo, Skoobook, 2021 96 p.

DE MARZO, Cíntia. **Clausura Liberatória**. Roma, Grupo Albatroz, 2021. E-book.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999. cap. 1, p. 15-22.

PICCOLP, Rosana (org). **Clausura**. Ed Lobo Azul, 2020. E-book.

SANTOS, Adriana-Flor de Souza. **Imaginação**: reflexões sobre a possibilidade. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes, RJ, 2011. 129 p.

SILVA, Carlos Eduardo da. **Metalinguagem como tecnologia cognitiva**. Dissertação (Mestrado em estudos de linguagens – Universidade tecnológica federal do Paraná), Curitiba, 2019.

SOUSA, Pedro de. **Análise do discurso** / Pedro de Souza, — Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2011. 114p.

Enviado em 10/01/2023
Aprovado em 13/06/2023